

## “Tem algum com sinopse discreta?”: disputas morais e sociabilidades juvenis no BookTok

*“Is there one with a discreet synopsis?”: moral disputes and youth sociabilities on BookTok*

*“¿Hay alguno con sinopsis discreta?”: disputas morales y sociabilidades juveniles en BookTok*

Steyce Dayane LOPES<sup>1</sup>  
Lara Roberta Rodrigues FACIOLI<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo analisa a relação entre literatura e mídias no BookTok LGBTQIAPN+, entendido como espaço de cultura digital e sociabilidade virtual, que é atravessado por dinâmicas geracionais. Investigamos como práticas de leitura, afetos e estratégias de discrição para o consumo de obras LGBTQIAPN+ circulam na plataforma. A análise das sociabilidades tecidas em torno de quatro vídeos evidenciou disputas e processos de subjetivação que articulam experiências *online* e *offline*.

**Palavras-chave:** BookTok; Literatura LGBTQIAPN+; Mídias sociais; TikTok; Bookredes.

### Abstract

This article analyzes the relationship between literature and media on LGBTQIAPN+ BookTok, understood as a space of digital culture and virtual sociability shaped by generational dynamics. We investigate how reading practices, affects, and strategies of discretion related to the consumption of LGBTQIAPN+ works circulate on the platform. The analysis of the sociabilities woven around four videos revealed disputes and processes of subjectivation that articulate online and offline experiences.

**Keywords:** BookTok; LGBTQIAPN+ literature; Social media; TikTok; Book networks.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGSOCIO) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista Capes. E-mail: [steyce6@gmail.com](mailto:steyce6@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3838-2480>

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPR. Integrante do Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR. E-mail: [larafacioli@gmail.com](mailto:larafacioli@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4054-9631>



---

## Resumen

Este artículo analiza la relación entre literatura y medios en el BookTok LGBTQIAPN+, entendido como un espacio de cultura digital y sociabilidad virtual atravesado por dinámicas generacionales. Investigamos cómo las prácticas de lectura, los afectos y las estrategias de discreción en el consumo de obras LGBTQIAPN+ circulan en la plataforma. El análisis de las sociabilidades tejidas en torno a cuatro videos evidenció disputas y procesos de subjetivación que articulan experiencias en línea y fuera de línea.

**Palabras clave:** BookTok; Literatura LGBTQIAPN+; Redes sociales; TikTok; Bookredes.

---

## Introdução

A leitura pode ser entendida enquanto uma prática social, histórica e culturalmente situada, atravessada por regimes de visibilidade, circulação e partilha que variam conforme o contexto social. Em diferentes momentos históricos, práticas de leitura e escrita estiveram associadas, também, ao tecimento de identidades, à produção de pertencimentos e à formação de sociabilidades, especialmente em cenários marcados por repressão e vigilância moral.

No Brasil da Ditadura Militar, por exemplo, boletins, periódicos e obras literárias LGBTQIAPN+ circularam de maneira clandestina, uma vez que sua posse ou leitura pública poderiam representar riscos à integridade dos indivíduos, em razão da censura e das perseguições políticas. O boletim Chana com Chana<sup>3</sup> ilustra esse cenário, tendo sido distribuído com extremo cuidado entre suas leitoras no Ferro's Bar, espaço reconhecido como ponto de encontro da comunidade lésbica na rua Martinhos Prado, em São Paulo, no período pós-golpe militar (Eddine *et al.*, 2020). Esse episódio evidencia como a leitura, para além de um ato individual, constituiu-se, também, como prática coletiva, afetiva e politicamente situada.

Ainda que os contextos históricos tenham se transformado, observa-se uma continuidade no modo como sujeitos buscam se reconhecer narrativamente e identificar pares existenciais por meio da leitura e da partilha de textos. No atual cenário, essa dinâmica é, em partes, reconfigurada no interior da cultura digital, em

---

<sup>3</sup> Chanacomchana foi uma publicação independente em formato de boletim (ou zine) dos coletivos paulistas Lésbico-Feminista (LF) e Grupo Ação Lésbica-Feminista (GALF). Durante os anos 1980, no Brasil, o boletim desempenhou um papel fundamental na organização política e na resistência da comunidade lésbica. Seu conteúdo reunia colagens de cunho progressista e revolucionário, tematizando questões femininas – com ênfase nas vivências lésbicas – por meio da divulgação de atividades, reflexões e discussões pertinentes à comunidade.



ambientes marcados pela midiaticização das interações, pela audiovisualização dos conteúdos e pela centralidade das plataformas.

Nessa conjuntura, o aplicativo de vídeos curtos conhecido como TikTok se coloca como um espaço privilegiado de sociabilidade virtual, especialmente entre jovens e adolescentes. É nesse espaço em que emerge o BookTok, nome da comunidade formada a partir da junção das palavras *book* (livro) e *TikTok*, que abriga múltiplas subcomunidades organizadas em torno da leitura, da recomendação e da circulação de livros (Karhawi *et al.*, 2024, p. 165).

O BookTok LGBTQIAPN+ configura um nicho específico dentro dessa rede, apresentando dinâmicas próprias que vão além dos formatos recorrentes já mapeados no contexto da literatura enquanto prática social digitalmente situada, como recomendações, resenhas, *unboxings*, *wishlists*, *wrap-ups* e *POVs*<sup>4</sup> (Collado *et al.*, 2024). Destacamos, neste espaço e neste artigo, a circulação de vídeos em outros formatos, que mobilizam estratégias voltadas à aquisição e ao consumo discreto de obras LGBTQIAPN+, como a alteração de sinopses, o uso de capas adaptadas e outros recursos acionados para evitar retaliações em ambientes hostis, sobretudo no âmbito familiar.

Tais práticas evidenciam que a mediação digital não se restringe à comunicação, mas envolve processos de negociação constantes, gestão do risco e produção de sociabilidades. Nesse sentido, o BookTok LGBTQIAPN+ constitui um espaço privilegiado para a observação acerca de como sujeitos, especialmente jovens, articulam afetos, pertencimentos e estratégias de sobrevivência no interior da cultura digital que, inclusive, extrapola esse próprio contexto, reverberando em práticas realizadas nos lares desses jovens e adolescentes.

Partindo do pressuposto de que o TikTok constitui um espaço de interações, trocas de vivências e relatos incorporados ao cotidiano (Hine, 2020), este artigo busca analisar as dinâmicas de sociabilidades juvenis no BookTok LGBTQIAPN+, observando como a leitura é midiaticizada e mobilizada como estratégia de negociação, resistência e produção de sentidos em contextos de controle moral. Buscamos, assim, compreender como o livro atua como objeto mediador de afetos, pertencimentos e

---

<sup>4</sup> Nesse sentido, os formatos podem ser descritos da seguinte forma: recomendações são vídeos em que usuários indicam livros com base em critérios pessoais ou temáticos; resenhas, comentários avaliativos sobre obras lidas; *unboxings*, abertura e apresentação de livros recém-adquiridos com reações afetivas; *wishlists*, listas de livros desejados; *wrap-ups*, balanços periódicos das leituras; e *POVs* (points of view), vídeos encenados a partir do ponto de vista de um personagem, leitor ou situação ficcional relacionada ao livro.



disputas morais, bem como os modos pelos quais a partilha da leitura é atravessada por contextos socioculturais específicos. Para tanto, adotamos como *corpus* de análise os comentários de quatro vídeos do BookTok LGBTQIAPN+, totalizando mais de mil registros.

O artigo é estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos um panorama do TikTok e de suas especificidades enquanto mídia social e plataforma. Em seguida, considerando o perfil majoritariamente jovem da plataforma, discutimos o contexto sociocultural das gerações que a habitam e a midiatização de suas sociabilidades LGBTQIAPN+. Posteriormente, expomos a abordagem metodológica, fundamentada na proposta de Christian Gonzatti (2017) para o mapeamento de redes de sentido em ambientes digitais.

### **De livro em livro, se constrói uma rede: notas sobre o TikTok**

O TikTok é uma plataforma de vídeos curtos, majoritariamente verticais, cuja lógica combina interações entre usuários e algoritmos de recomendação. A ampla adesão de jovens entre 16 e 24 anos envolve não só consumo, mas também produção ativa de vídeos, em um regime de visibilidade marcado pela performatividade, repetição de formatos e circulação acelerada de tendências (Quiroz, 2020).

Nesse ambiente, surgem comunidades digitais em torno de interesses compartilhados, formadas por vínculos afetivos e conexões mediadas pela plataforma. Essas sociabilidades virtuais são atravessadas por lógicas de engajamento, métricas de visibilidade e regimes de atenção que moldam as interações possíveis (Martino, 2014). Entre essas comunidades, destacamos as práticas e conteúdos relacionados aos livros, que constituem o BookTok, foco deste trabalho.

Diferentemente de iniciativas institucionais de promoção da leitura, o BookTok caracteriza-se pela produção descentralizada de conteúdos, realizada por usuários que se reconhecem como leitores e compartilham experiências, percepções e recomendações a partir da linguagem própria da plataforma.

Os chamados “*booktokers*”, ou seja, os criadores de conteúdo dessa comunidade, mobilizam recursos audiovisuais, narrativas pessoais e estratégias de identificação que reforçam a proximidade entre quem produz e quem consome os conteúdos.

Antes mesmo do surgimento do TikTok como espaço de difusão de conteúdo literário, já existiam comunidades virtuais voltadas à promoção da leitura, como o BookTube, vinculado ao YouTube, e a comunidade BookTwitter, do antigo Twitter,



que agora se denomina “X”. Essas chamadas Bookredes, conforme denominadas por Santos (2022), constituem espaços de mediação da leitura que se reorganizam de acordo com as *affordances*, ou seja, os recursos e possibilidades de cada plataforma.

Collado *et al* (2024) mencionam que “os Booktubers quase desapareceram, pois suas celebridades cresceram ou migraram para novas plataformas. Já os Booktokers estão em alta” (p.11, tradução nossa). Essa alta é perceptível tanto em números dentro da própria plataforma, haja vista que a hashtag “BookTok” já conta com 33,6 milhões de publicações na plataforma (Schneider, 2024), quanto em sua visibilidade em eventos e atrações atreladas ao universo literário.

O fenômeno BookTok e seu funcionamento comunitário podem ser explicados pelo conceito de natureza “enquadrada” (*framed*) da vida cotidiana, proposto por Miller e Horst (2021). Segundo essa perspectiva, práticas culturais pré-existentes tornam-se mais visíveis através da mediação digital. Assim, o digital não torna a vida mais mediada, mas revela mediações que já ocorriam, desconstruindo a visão romantizada de um período “pré-digital” como mais autêntico.

Assim, o TikTok não cria interesse por livros nem sociabilidades, mas oferece enquadramentos para sua exposição, circulação e reconhecimento. A leitura, como prática cultural, é performada, comentada e compartilhada em ambiente audiovisual, sem perder suas dimensões materiais ou efeitos no “mundo *offline*”, como nos conteúdos analisados, em que usuários recorrem a estratégias de discrição (mudar capa ou mentir sinopse) para acessar e consumir literatura LGBTQIAPN+ em contextos repressivos.

Essas dinâmicas têm efeitos perceptíveis tanto nos sistemas de recomendação entre pares quanto no mercado editorial, que passa a reconhecer o BookTok como um agente relevante na circulação e validação de obras (Freitas, 2022; Führ, Rauber e Barth, 2023; Gomes e Angelucci, 2024). Tal influência, contudo, não implica uma ruptura total com hierarquias pré-existentes, mas antes sua reconfiguração parcial, em um cenário no qual editoras, eventos literários, autores independentes e criadores de conteúdo negociam visibilidade e legitimidade.

O BookTok LGBTQIAPN+, assim, emerge enquanto uma subcomunidade marcada por dinâmicas específicas de sociabilidades juvenis e por disputas morais em torno da literatura. Embora a plataforma amplie a visibilidade de obras e autores historicamente marginalizados, essa visibilidade convive com práticas de contenção, silêncio e dissimulação, sobretudo fora desse ambiente do BookTok. Assim, a



experiência *online* não se traduz automaticamente em segurança ou reconhecimento no cotidiano *offline*.

No BookTok LGBTQIAPN+, a tensão e a disputa moral se manifestam de forma concreta na circulação de vídeos que ensinam estratégias para o consumo discreto de livros, como o uso de capas alternativas, sinopses alteradas ou outros recursos destinados a evitar conflitos em contextos familiares e sociais hostis. Essas práticas evidenciam que o livro enquanto objeto é também um artefato material atravessado por relações de poder, vigilância e risco.

Sob essa perspectiva, a materialidade do livro é articulada à materialidade do conteúdo consumido na plataforma, uma vez que o vídeo que ensina a esconder o livro responde a uma ansiedade vivida no corpo e no espaço doméstico do jovem leitor. A discricção é, assim, uma prática corporificada, nos termos de Hine (2020), negociada coletivamente nas sociabilidades virtuais da plataforma. O BookTok LGBTQIAPN+ funciona, assim, menos como um espaço de ruptura propriamente dito e mais como um território de negociação moral, no qual afetos, identidades e limites são continuamente ajustados.

Dessa forma, o BookTok LGBTQIAPN+ aqui neste trabalho é entendido para além de uma rede de recomendação literária, já que, para nós, ele se configura como um espaço de sociabilidade juvenil mediado, no qual a literatura opera como objeto de mediação entre experiências digitais e materiais, visibilidades e silenciamentos, desejos de reconhecimento e estratégias de autoproteção e promoção, simultaneamente.

### **De *trend* em *trend*, a gente se entende: juventudes, mídias e o BookTok**

Manchetes como “BookTok: como o TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers” (Machado, 2024) ou “Entenda como o TikTok vem impactando o hábito da leitura” (Delgado, 2024) têm contribuído para a construção de uma narrativa que associa o BookTok a uma renovação quase automática das práticas de leitura entre jovens. Embora essas leituras sejam relevantes para indicar a visibilidade do fenômeno, elas tendem a enfatizar seus efeitos positivos, deixando em segundo plano as condições sociais, morais e geracionais que moldam essas experiências.

A expressiva presença de jovens no TikTok, particularmente em comunidades como o BookTok, convida a uma problematização mais cuidadosa das práticas de leitura e sociabilidades mediadas por plataformas. A prática da leitura, nesse



contexto, não se restringe ao ato individual de contato com o livro, mas envolve processos de circulação, recomendação, comentário e reconhecimento coletivo. Contudo, essas experiências não são homogêneas nem igualmente acessíveis a todos os sujeitos, sendo atravessadas por marcadores como idade, sexualidade, gênero, pertencimento familiar, normas morais e regimes de visibilidade.

No caso de adolescentes LGBTQIAPN+, a participação em mídias sociais digitais evidencia formas específicas de sociabilidade mediada. Como afirma Boyd (2014, p. 22), “na maioria das vezes, sua paixão pelas redes sociais surge do desejo de sociabilizar”, mais do que devido a algum tipo de vício ou descolamento de alguma “vida real”, como sugerem os discursos moralizadores a respeito dos usos que jovens fazem das ferramentas tecnológicas.

Boyd (2014) retoma também que os jovens migram para as redes sociais por uma série de motivos que têm relação com, por exemplo, falta de mais espaços públicos físicos em que possam se encontrar livremente; devido ao excesso de controle dos pais; medo da violência e restrições urbanas, para mencionar alguns exemplos. Plataformas como Facebook, Instagram e, fundamentalmente o TikTok, tornaram-se as novas praças públicas em que os jovens e adolescentes constroem suas identidades e interações sociais, bem como podem criar redes de compartilhamento de pontos de vista, desejos e afetos.

Essa migração para as redes sociais, no entanto, é passível de questões e tensões, já que, embora muitos adolescentes desenvolvam habilidades digitais funcionais, ainda que superficiais, frequentemente há a reprodução de comportamentos sem mediação crítica. Essa dinâmica os expõe a riscos como discursos de ódio, práticas discriminatórias e até conteúdos nocivos sobre automutilação e suicídio.

No entanto, é importante equilibrar essa análise com a crítica às abordagens meramente proibitivas e moralizantes das redes sociais (Facioli; Prado, 2018), que podem ser igualmente problemáticas. A demonização dessas plataformas, sem um esforço real de compreender suas lógicas de funcionamento, tende a produzir efeitos adversos: em vez de proteger, empurra os adolescentes para formas de uso cada vez mais sigilosas e desvinculadas de qualquer possibilidade de diálogo ou mediação adulta.

Ainda segundo Boyd (2014), é necessário substituir os pânico morais sobre o uso da tecnologia por uma postura dialógica e orientada pela literacia midiática. A



autora refuta a ideia de que os jovens não se importam com a privacidade, mostrando que eles desenvolvem estratégias sofisticadas para gerir sua exposição, como perfis alternativos, a ferramenta “close friends” e o controle rigoroso de comentários e visibilidade nas plataformas.

No BookTok LGBTQIAPN+, essas noções de privacidade vão além da plataforma, envolvendo práticas dos usuários como trocar capas, mentir sobre sinopses e usar leitores digitais com tela bloqueada para esconder livros. Ferramentas como “Modo Privado” no *Wattpad*<sup>5</sup> e *Kindle*<sup>6</sup>, além de pastas ocultas, ajudam a manter sigilo sobre leituras “proibidas” no ambiente familiar. Também é possível observar nas práticas jovens e adolescentes a criação de códigos e nomes falsos nas postagens, o ato de falar sobre livros sem citar o título real, usar um conjunto de siglas que permitem os desconhecedores jamais identificar o livro do qual se trata a conversa; estabelecer apelidos internos para obras específicas e postar *reviews* sem mostrar a capa ou borrando-a.

Argumentamos aqui que para além de ferramentas técnicas ou espaços de entretenimento, essas plataformas são percebidas pelos jovens e principalmente adolescentes como ambientes nos quais podem construir vínculos, negociar pertencimentos e desenvolver formas de expressão que, muitas vezes, não encontram acolhida em seus contextos presenciais. Em termos mais simples, as estratégias de leitura de obras específicas, mais que conduzirem ao universo da leitura, proporcionam a construção de uma rede afetiva cuja sensação de pertencimento se mostra ampliada frente às relações de caráter *offline*, digamos assim.

Tais interações entre/para/por jovens e adolescentes não ocorrem de maneira isolada, já que elas se inserem no processo mais amplo de mediação da vida social, como propõe Couldry e Hepp (2013), no qual a mídia vai além do aspecto comunicacional, uma vez que ela reorganiza as práticas sociais, afetando diretamente modos de ser e de se relacionar. O que chamamos aqui de mediação não fala simplesmente sobre a influência da mídia, mas sim sobre como as práticas sociais, as

---

<sup>5</sup> Wattpad é uma plataforma de escrita colaborativa e leitura social, voltada à publicação serial de narrativas, que se consolidou como espaço relevante para a circulação de ficção juvenil e fanfics. Sua arquitetura interativa, baseada em comentários, votações e comunidades, exemplifica dinâmicas contemporâneas de leitura participativa e de construção coletiva de sentidos.

<sup>6</sup> Kindle refere-se aos e-readers de tinta eletrônica da Amazon e ao seu ecossistema de leitura digital. Para além do dispositivo, o Kindle desempenha papel central na popularização do livro digital e na reconfiguração das práticas de consumo, acesso e publicação, por meio de sua loja virtual e do serviço de assinatura Kindle Unlimited, constituindo um marco da digitalização do literário no século XXI.



instituições e as relações humanas são cada vez mais estruturadas pela lógica midiática.

A literatura de Le Breton (2017) contribui para compreender esse movimento de interações e centralidade das mídias ao afirmar que, para alguns adolescentes, os ambientes digitais constituem uma “alternativa para a vida real, uma proteção contra as ambivalências do mundo” (p. 28). Nessa lógica, a utilização de avatares, a construção de perfis e a interação com outros usuários permitem que esses sujeitos vivenciem situações que a realidade física lhes interditaria. “Dissociados, mas inteiramente dentro da emoção das trocas, eles evitam suas vidas pessoais – menos prestigiadas – sem tanto medo do choque com a realidade, já que seus respondentes desconhecem suas verdadeiras identidades” (Le Breton, 2017, p. 24).

No BookTok LGBTQIAPN+, as interações digitais articulam consumo literário, produção de sentidos e construção de identidades. Como lembra Hall (2014, p. 108), identidades são “multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar e ser antagônicas”. Nesse espaço de trocas e sociabilidades, adolescentes encontram pares e constroem escuta e partilha de experiências pessoais. Nos vídeos sobre consumo discreto de obras LGBTQIAPN+, aparecem relatos de ambientes familiares restritivos, em que a leitura desses livros é proibida ou desencorajada.

Muitas vezes, são famílias religiosas, conservadoras, que apresentam impeditivos para o âmbito da sexualidade. Outras vezes, o universo familiar desvaloriza a chamada leitura não produtiva, ou seja, pais e responsáveis entendem a leitura por prazer como perda de tempo, questionando-se “por que não ler algo útil?”, sendo que os gêneros rejeitados podem ser a fantasia, ficção *young adult*<sup>7</sup>, mangás<sup>8</sup>, dentre outros.

Também há núcleos familiares que apresentam pouco ou nenhum repertório literário, o que conduz os adolescentes a comunidades *online* como uma espécie de “família substituta”. Por fim, alguns espaços familiares são pouco afeitos à própria expressão literária dos adolescentes, o que faz da internet um ambiente atrativo para a própria criação textual, visual ou imagética. Nesse sentido, o TikTok, para além de

---

<sup>7</sup> Designa um gênero literário e editorial voltado primariamente a leitores adolescentes e jovens adultos, tipicamente na faixa dos 12 aos 18 anos, embora tenha significativo apelo entre leitores de todas as idades

<sup>8</sup> Mangás são histórias em quadrinhos japonesas, um meio narrativo e artístico com convenções editoriais, estéticas e de produção próprias, que constituem uma das mais importantes expressões da cultura popular japonesa e um fenômeno editorial global.



uma plataforma de comunicação, se configura como espaço de produção ativa sobre desejos e afetos, em que emergem práticas que desafiam a matriz heterossexual, nos termos de Butler (2018).

A partir dos comentários coletados na plataforma, que serão apresentados e analisados na sequência, percebe-se essa dinâmica de resistência às normas hegemônicas, quando os jovens expõem, por exemplo, seus pontos de vista acerca do amor, para além da lógica heteronormativa.

Relatos como “O pior é que também fico com receio dos [livros] mais discretos, porque tenho alguns que meus pais têm vontade de ler, e vai que eles leem pensando que são histórias hétero, né...<sup>9</sup>”, “mano, meu pai fica de preconceito com meu livro de Heartstopper, porque ele ainda não se tocou que assim como o mundo gira, as pessoas também mudam e amam”, evidenciam o conflito com a norma compulsória no âmbito familiar, ressaltando como o TikTok faz circular discursos que problematizam, entre esses jovens e adolescentes, a coerência normativa ou a inteligibilidade entre sexo, gênero e desejo (Butler, 2018).

Isto posto, tentamos argumentar que no TikTok, as práticas de dissimulação e discrição, tais quais a reinvenção de capas e sinopses dessas obras LGBTQIAPN+, e partilha de experiências pessoais que denunciam ambientes familiares hostis são respostas a um processo maior de tentativa de deslocamento da zona de abjeção e de controle parental excessivo. Essas sociabilidades, assim, mostram, muitas vezes, um intuito de tornar a vida mais habitável e flexível frente a ambientes familiares mais hostis. Mesmo nessa conjuntura restritiva, essas sociabilidades digitais juvenis produzem sentidos, constroem vínculos e fazem circular demandas específicas que impactam, de maneira concreta, o mercado e a circulação da literatura LGBTQIAPN+.

### **POV: você está analisando o BookTok**

Este momento do texto tem como objetivo analisar o *corpus* selecionado, com base na articulação entre o movimento de mapear as constelações de sentido, tal qual a movimentação realizada por Christian Gonzatti (2017). Essa metodologia parte do entendimento de que os sentidos são constituídos por meio de processos semióticos, ou seja, pela circulação de signos e significados em diferentes suportes e linguagens.

---

<sup>9</sup>Os comentários apresentados nesta seção e na etapa de análise foram sutilmente editados, com o intuito de corrigir vícios de linguagem e facilitar a leitura. Tais ajustes não comprometem a compreensão das falas nem alteram os objetivos analíticos do presente artigo.



Essa abordagem, assim, propõe a mapear os sentidos emergentes em práticas midiáticas e interacionais e agrupá-las em categorias com discursos semelhantes. Dessa forma, para além de identificar recorrências temáticas, essa escolha metodológica permite observar tensões, contradições e ambivalências que atravessam as práticas juvenis no ambiente digital. A partir desse referencial teórico-metodológico, busca-se compreender as dinâmicas discursivas e as redes de significados que emergem nas interações entre os usuários adolescentes do TikTok, especialmente nos comentários de vídeos que abordam estratégias de consumo discreto de obras LGBTQIAPN+ no BookTok.

O *corpus* desta pesquisa deriva de um recorte do material analisado previamente em outro trabalho, cujo objeto central eram os vídeos produzidos por criadores de conteúdo no BookTok. Para este artigo, foram selecionados quatro vídeos, dentre os doze inicialmente mapeados, com base no volume de interações via comentários e com base também na representatividade do fenômeno estudado no BookTok. Desse modo, foram priorizados vídeos que abordassem estratégias de discricção diversas para o consumo de obras LGBTQIAPN+. Essa diversidade de abordagens permitiu uma análise mais rica das nuances presentes nas constelações de sentido. Consideramos também a heterogeneidade dos perfis dos criadores de conteúdo, incluindo tanto aqueles cujo nicho principal é a literatura quanto outros que incorporam a temática de livros em um contexto mais amplo de suas produções. Tal escolha visou capturar a amplitude de como essas discussões se inserem em diferentes ecossistemas do TikTok.

Ressaltamos, além disso, que não houve uma seleção baseada em critérios demográficos precisos, como faixa etária exata, localização geográfica ou idade dos criadores, uma vez que tais dados permanecem obliterados pelas lógicas de privacidade e interface da plataforma. No entanto, observamos como constante em todos os vídeos analisados que os criadores de conteúdo se apresentavam como sujeitos bastante jovens, incluindo casos que aparentavam ser de indivíduos menores de idade. Essa característica reforça a natureza geracional do fenômeno e a centralidade das práticas juvenis nas dinâmicas de sociabilidades analisadas.

A partir desses quatro conteúdos, foram coletados, no primeiro semestre de 2025, os comentários publicados pelos usuários, que constituem, de fato, o *corpus* analisado nesta pesquisa. A escolha por esse recorte se justifica pelo interesse em compreender os sentidos produzidos nas interações entre as pessoas usuárias da



plataforma, deslocando o foco da análise da instância de produção do conteúdo, representada pelo vídeo em si, para as dinâmicas relacionais que se constituem a partir dele, tendo os comentários como principal material empírico mobilizado para tecer essas relações.

Importa dizer que os sentidos aqui analisados não devem ser lidos como expressões espontâneas de emancipação ou ruptura, mas como práticas situadas, produzidas em condições específicas de visibilidade, vigilância e controle. As interações no BookTok se colocam enquanto formas de ação juvenil que coexistem com limites impostos tanto pelas lógicas da plataforma quanto pelos contextos familiares e geracionais nos quais esses sujeitos estão inseridos.

Os vídeos escolhidos foram os seguintes: o da criadora @vídeo1<sup>10</sup>, com 452 comentários, que aborda a dificuldade de ler livros LGBTQIAPN+ em um ambiente familiar homofóbico e, perante à isso, ela indica obras com “capa discreta”; o do perfil @vídeo2, com 276 comentários, que evidencia a experiência com uma mãe homofóbica e que não verifica o que o adolescente recebe por correios (sendo essa a estratégia de discrição); o @vídeo3, com 147 comentários, voltado a leitores que enfrentam resistência familiar para acessar um romance; e, por fim, o @vídeo4, com 129 comentários, que responde a uma crítica recorrente no BookTok sobre os desafios de adquirir livros LGBTQIAPN+ em contextos conservadores e, por isso, apresenta livros com capa discreta para que esse consumo se efetive.

As constelações de sentido, utilizadas por Christian Gonzatti (2017), oferecem um caminho analítico para compreender os processos de produção de significados em contextos digitais, a partir de três movimentos principais: mapeamento e identificação, agrupamento de sentidos e inferência interpretativa. No primeiro movimento, realiza-se a coleta dos signos e discursos mobilizados em um cenário específico de produção de sentidos, como interações em redes sociais, comentários, postagens e vídeos.

---

<sup>10</sup> Visando a preservação da integridade dos perfis, tanto dos booktokers quanto das pessoas usuárias que interagiram via comentários, este artigo não divulga informações pessoais, links ou quaisquer indexadores que permitam a localização direta desses perfis. Adicionalmente, em relação aos comentários selecionados para ilustrar as constelações de sentido, foram realizadas pequenas reorganizações frasais com o objetivo de impedir que o conteúdo original fosse rastreado por mecanismos de busca, sem que isso alterasse o sentido fundamental da frase ou da afirmação. Tal procedimento se baseia na perspectiva de Boyd (2010), ao compreendermos que a natureza pública de uma informação disposta em redes sociais não anula a necessidade de um tratamento ético que respeite a privacidade e a vulnerabilidade dos sujeitos, especialmente em contextos que envolvem dados sensíveis.



O segundo momento consiste na atribuição de sentidos aos signos coletados, à medida que eles se repetem ou se agrupam em torno de eixos temáticos comuns. O objetivo, é importante salientar, não se limita a descrever os sentidos produzidos, mas a problematizá-los a partir de questões mais amplas que envolvem o poder, as identidades, a cultura e a subjetividade, articulando dimensões empíricas e teóricas para compreender os fluxos de sentido que atravessam os ambientes digitais contemporâneos.

Neste segundo momento houve uma filtragem dos comentários, já que, a partir de um universo inicial de mais de 1000 ocorrências coletadas, averiguamos que cerca de um terço deles consistiam em menções a outros usuários ou apenas emojis, os quais não apresentavam conteúdo discursivo suficiente para a análise das constelações de sentido. Inicialmente, os comentários restantes foram submetidos a uma codificação individual, em que cada ocorrência foi caracterizada com algum sentido emergente. Depois de todos os comentários codificados, houve então a emergência dos sentidos, que se constituíram como constelações mais evidentes e que se repetiam ao longo dos comentários dos quatro vídeos.

Além disso, diferentemente de pesquisas que operam por amostragem reduzida, não houve um momento de saturação teórica propriamente dito, uma vez que o volume de comentários permitiu que a totalidade do *corpus* fosse analisada e categorizada individualmente. Comentários considerados ambíguos, que poderiam se encaixar em mais de uma constelação, foram discutidos e, quando possível, alocados à constelação cujo sentido se mostrava mais dominante no contexto da enunciação. Nos casos em que a ambiguidade persistia e o comentário não contribuía significativamente para a compreensão de nenhuma constelação, optamos por sua exclusão da análise final.

A partir desse percurso, foram mapeados os dos vídeos que depois se constituíram enquanto quatro constelações distintas, que mostram modos variados de sociabilidades na comunidade e de concepções acerca da leitura midiaticizada. A primeira, nomeada aqui de “discrição e dissimulação”, agrupa comentários que evidenciam estratégias de invisibilidade, uso de sinopses falsas e artifícios para evitar a exposição ou o confronto, sobretudo no contexto familiar, em que a figura da mãe/materna aparece com maior frequência como símbolo de controle restritivo (com 87 ocorrências de comentários em todo o *corpus*).

Segue uma amostra da primeira constelação disposta no quadro 1:



**Quadro 1:** constelação “discrição e dissimulação”

**Amostra da constelação “discrição e dissimulação”**

Minha irmã conhecia só pela sinopse e, até semana passada, achava que elas eram apenas amigas kkk. Depois que comprei e contei pra ela, ela entendeu.

Eu dei uma sinopse falsa para minha mãe; ela não acreditou muito, mas me deixou comprar :) Pelo menos o seu livro é muito bom 😞

Eu comprei e ela quis olhar a parte de trás; quase tive um ataque. Quando me perguntou sobre o que era, falei que era uma história escolar de um grupo de amigos.

Comprei Vermelho, Branco e Sangue Azul dizendo que era sobre dois príncipes que querem conquistar a princesa.

Quando minha mãe pergunta sobre os livros que eu leio, conto a história tirando a parte do romance (ela provavelmente já sabe, mas prefiro fingir que não).

Fonte: Autoria própria (2025)

Nesta constelação, tanto na amostra quanto no *corpus* completo, é nítido como esses adolescentes LGBTQIAPN+ no TikTok acionam práticas de ocultamento e estratégias narrativas para mediar o acesso aos conteúdos literários em contextos marcados por vigilância e controle, sobretudo no ambiente familiar. Essa vigilância no âmbito familiar nos remete ao conceito de ‘pedagogias da sexualidade’ proposto por Guacira Lopes Louro (1999), mediante o qual diferentes instituições sociais – incluindo a família – atuam na produção de sujeitos conformados a determinados padrões normativos.

Como destaca Louro (1999), esse processo tem como efeito “reiterar identidades e práticas hegemônicas, ao mesmo tempo que subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas” (Louro, 1999, p. 16). Nos relatos analisados no BookTok, observa-se a reiteração de uma heteronormatividade (Lorde, 2019) que rejeita tudo aquilo que escapa à lógica de inteligibilidade sexo-gênero-desejo (Butler, 2018) – sejam os próprios sujeitos LGBTQIAPN+, sejam os livros que representam suas existências, frequentemente situados no que se poderia chamar de zona de abjeção.

Essas estratégias não configuram necessariamente uma contestação aberta à norma, mas antes um manejo das restrições impostas, evidenciando como a sociabilidade juvenil é atravessada por relações assimétricas de poder, especialmente no interior das dinâmicas familiares. A dissimulação aparece menos como gesto subversivo, de fato, e mais como forma cotidiana de convivência com a vigilância.



Essas práticas mostram um conflito geracional entre adultos, que se apoiam em referências religiosas, conservadoras ou utilitaristas da leitura, e jovens, que usam repertórios da cultura digital para acessar, reinterpretar e compartilhar narrativas dissidentes. O BookTok funciona, assim, como espaço de sociabilidade geracional, em que adolescentes discutem leituras e negociam conflitos intergeracionais por meio de estratégias de invisibilidade.

Destarte, percebe-se que até mesmo o ato de ler, algo que, em princípio, poderia ser pensado como sendo privado e autônomo, configura-se como uma prática pública permeada por tensões e negociações cotidianas. Essa realidade, porém, não é isolada e narrada apenas no Booktok. Como lembram Malta, Flexor e Costa (2020, p. 2) “narrativas que discutem orientação sexual e expressões não binárias de gênero esbarram em obstáculos, especialmente para compor as páginas destinadas a crianças e a adolescentes”.

Apesar dos obstáculos notórios, a amostragem de comentários dessa constelação mostra como os adolescentes reconfiguram o enredo das obras para neutralizar elementos potencialmente polêmicos no âmbito familiar. A invenção de sinopses falsas (“dei uma sinopse falsa pra minha mãe”, “falei que era uma história escolar de um grupo de amigos”, “disse que era uma história sobre dois príncipes que querem conquistar a princesa”) funciona como estratégia discursiva de dissimulação, operando simultaneamente como mecanismo de defesa e afirmação: o adolescente assegura o acesso ao livro desejado e, ao mesmo tempo, evita o embate direto com o poder normativo do contexto familiar.

Assim, essa constelação indica um processo de subjetivação em que adolescentes aprendem a navegar em ambientes de vigilância por meio da gestão cuidadosa do que é visível e dizível. Essa gestão, atravessada por dinâmicas de poder, regula o acesso às obras e produz modos específicos de ser e estar, no cruzamento entre consumo, identidade e agência. Os livros LGBTQIAPN+ apontam, assim, para tentativas de tornar a vida mais habitável, ainda que precariamente, em contextos em que o reconhecimento pleno, especialmente da sexualidade, não é garantido e a leitura ocorre sob constante negociação.

A segunda constelação de análise (com a amostra situada no Quadro 2) aborda as dimensões do “afeto e identificação”, em que os comentários demonstram processos de reconhecimento mútuo, empatia e identificação – tanto com os criadores de conteúdo quanto com as obras compartilhadas. Essas interações



fortalecem o que Martino (2014) conceitua como comunidades virtuais, definidas como “associações que, tal como quaisquer comunidades humanas, constroem-se a partir de laços de interesse estabelecidos mediante trocas informacionais” (p. 44).

**Quadro 2:** constelação “afeto e a identificação”

| Amostra da constelação “afeto e a identificação”  |
|---|
| “TÁ DE BRINCADEIRA, ERA TUDO QUE EU MAIS PRECISAVA”   |
| “MUITO OBRIGADA LENDA, TE AMO”  |
| “obrigadooo por esse vídeo, não conhecia alguns”  |
| “VOCÊ TEM TODOS OS LIVROS QUE EU SONHO”   |
| “meu deus moça você é incrível perfeita maravilhosa te amo”   |
| “oi gente! Só queria dizer que eu to sempre aqui pra conversar com todes que se sentem pra baixo as vezes ❤️ + eu sei que questões familiares são complicadas e por isso quero deixar aq q to sempre disponível pra fazer com q vcs se sintam ouvidos!” [comentário da própria criadora do vídeo interagindo com o público] |

Fonte: Autoria própria (2025)

Os comentários expostos evidenciam um padrão de interação marcado por expressões de reconhecimento, gratidão e carinho, que vão além da mera recepção de uma recomendação literária. Os comentários coletados ilustram um vínculo afetivo que se estabelece entre os usuários e a figura do booktoker, evidenciando que há, nesse contexto, uma prática relacional que tece contornos também de pertencimento.

Collado *et al* (2024) destacam o booktoker como um criador de conteúdo ou *influencer*, cuja visibilidade e sucesso se vinculam a lógicas de reconhecimento e monetização, o que é construído devido aos moldes da própria plataforma. No entanto, é oportuno acrescentar que, para além dessa figura unilateral do “*influencer*”, os dados aqui analisados sugerem que, para parte do público, essa relação assume contornos mais horizontais e comunitários, ultrapassando uma comunicação assimétrica.

Além disso, a constelação evidencia como as relações entre seguidores e booktokers atuam como catalisadoras de processos de identificação. Os seguidores, além de expressarem gratidão e admiração, projetam no booktoker seus próprios desejos e aspirações, como revela o comentário: “VOCÊ TEM TODOS OS LIVROS QUE EU SONHO”. Esse tipo de manifestação reforça o papel dos booktokers como mediadores que se tornam referências, inspirando e motivando os públicos a



acessarem determinados universos literários, neste caso, com destaque para obras LGBTQIAPN+.

Nota-se que esses fluxos de afetos e identificações cumprem uma função estruturante na manutenção e expansão dessas comunidades: eles consolidam o engajamento e sustentam as dinâmicas de troca que se dão nos coletivos digitais. Ao mesmo tempo, apontam para um processo de subjetivação no qual os adolescentes leitores vão além do consumo de conteúdo, haja vista que se investem de significados que mobilizam sentimentos de pertencimento, reconhecimento e validação.

É oportuno ponderar, no entanto, que embora esses vínculos sejam frequentemente marcados por uma linguagem afetiva intensa, eles não devem ser interpretados como relações simétricas ou desinteressadas. A própria estrutura da plataforma, baseada em métricas de visibilidade, engajamento e circulação, condiciona essas trocas e produz hierarquias sutis entre quem cria e quem acompanha.

Em terceiro lugar, destaca-se a constelação “medos e dificuldades”, que discorre sobre os relatos acerca de temores relacionados à exposição, repressão e preconceito, conforme ilustrado no quadro 3.

**Quadro 3:** constelação “medos e dificuldade”

**Amostra da constelação “medos e dificuldades”**

“eu vi isso atrasada, fui jogada do armário por causa desse livro, meus pais fingem que isso não aconteceu e não me deram o livro. Algum dia eu compro”

“vc é tão preciosa!! ❤️ meus pais eles não são conservadores, mas eu ainda não me assumi e tenho medo de eles começarem a perguntar sobre isso por causa dos livros que eu leio”

“oi [...], eu acabei de tentar mostrar pro meu pai mais ele meio que não se 'contentou' ele foi buscar no google e achou varias coisas sobre sexualidade e tals, eu to bem triste porque eu queria muito ler seu livro”

“meu pai fica de preconceito com meu livro de Heartstopper, porque ele ainda não se tocou que assim como o mundo gira, as pessoas também mudam e amam”

“meus pais lêem o livro antes de deixar ler. Eu compro,e eles pegam, lêem um pouco pra vê se n tem lgbtq+ ou romance”

Fonte: Autoria própria (2025)

Aqui, percebe-se a reunião de relatos que expressam experiências de tensão e vulnerabilidade associadas ao consumo literário, evidenciando como a leitura de obras com temáticas LGBTQIAPN+ pode ser atravessada por dinâmicas de controle, repressão e censura no ambiente familiar.



Os comentários analisados mostram que, além da leitura, o interesse por certos livros pode expor involuntariamente a identidade de gênero ou sexualidade dos adolescentes (como no relato “fui jogada do armário por causa desse livro”). Depoimentos assim demonstram que o espaço doméstico, longe de ser protegido, muitas vezes funciona como *locus* de vigilância e normatização. No Brasil, marcado pelo avanço da extrema-direita e pelo cerco às discussões de gênero e sexualidade entre jovens, essa vigilância familiar não surpreende.

Como destaca Junqueira (2018), são múltiplas as investidas antigênero no Brasil, voltadas a “promover uma agenda política moralmente regressiva, especialmente (mas não apenas) orientada a conter ou anular avanços e transformações em relação a gênero, sexo e sexualidade, além de reafirmar disposições tradicionalistas” (p. 451). Nesse contexto, o autor observa a centralidade de um discurso em defesa da chamada “família tradicional”. Esse imperativo atua na reafirmação de hierarquias sexuais e na reprodução das normas hegemônicas de corpos, gêneros e sexualidades. Não por acaso, as representações imagéticas presentes em obras LGBTQIAPN+ costumam ser rechaçadas e proibidas nestes ambientes familiares, sendo percebidas como ameaças à manutenção desse modelo idealizado de família.

Ainda que algumas famílias não se assumam explicitamente contrárias a possibilidade de ter um filho LGBTQIAPN+, como aponta um dos comentários (“meus pais não são conservadores, mas ainda não me assumi e tenho medo de eles começarem a perguntar sobre isso por causa dos livros que eu leio”), o receio de gerar questionamentos ou de ser alvo de julgamentos persiste como marca da relação entre consumo literário e construção da identidade.

Outro fenômeno significativo que emerge dessa constelação analítica é a transformação dos livros em dispositivos de vigilância familiar. Os relatos como “minha mãe agora têm o hábito de, sempre que compro um livro com capa ‘suspeita’, abrir em uma página aleatória para ler” ou “meus pais leem o livro antes” mostram como o objeto livro se converte em uma fronteira em que se negocia o permitido no espaço doméstico. Paradoxalmente, o livro – tradicionalmente mediador de conhecimento e ampliação cultural – transforma-se aqui em um campo de batalha moral, em que se exercem mecanismos de controle e suspeita.

Os relatos evidenciam que a sociabilidade mediada não elimina a vulnerabilidade juvenil, mas a reinscreve em novos enquadramentos. O digital amplia



possibilidades de expressão e troca, ao mesmo tempo em que intensifica o risco de exposição involuntária, sobretudo quando as práticas *online* atravessam fronteiras geracionais e familiares.

Por fim, a constelação de “troca e continuidade”, com a amostra disposta no quadro 4, evidencia comentários que compartilham outras dicas para a compra discreta de livros, além de relatos de experiências e recomendações literárias, ressaltando o caráter coletivo e expansivo dessa rede de interlocução.

**Quadro 4:** constelação “troca e continuidade”

| <b>Amostra da constelação “troca e continuidade”</b>   |
|--|
| “Melhor pedir um kindle e ler por ele, porque se os pais pegam esses livros pra ler pode dar ruim” |
| “você sabe um básico de inglês? Tem disponível no site Tapas e Webtoon de graça pra ler!”          |
| “Compra na shoppe e tenta achar algum anúncio que não tem sinopse, isso que eu fiz”                |
| "Lê no tapas lá tem todos e ainda tem coisa a mais que não tem nos livros 😊"                       |

Fonte: Autoria própria (2025)

Nesta constelação, é perceptível como os adolescentes se tornam produtores e mediadores de estratégias e saberes compartilhados. Os comentários evidenciam uma dinâmica em que a experiência individual de lidar com o desejo de leitura, muitas vezes atravessado por barreiras familiares ou sociais, transforma-se em conhecimento coletivo, voltado ao fortalecimento da comunidade e à continuidade das práticas leitoras, mesmo sob condições de restrição. Vale dizer que isso ocorre sem que haja a implicação da superação das condições que tornam essas estratégias necessárias.

Os usuários sugerem outras soluções criativas além daquelas apresentadas pelo próprio vídeo para driblar possíveis vigilâncias familiares, como a aquisição de dispositivos de leitura (“Melhor pedir um kindle e ler por ele, pq se os pais pegam esses livros pra ler pode dar ruim”) ou o uso de plataformas digitais alternativas como Tapas<sup>11</sup> e Webtoon<sup>12</sup>, espaços em que o conteúdo pode ser consumido com maior discricção. Além disso, surgem dicas práticas voltadas a aspectos logísticos, como

<sup>11</sup> Tapas é uma plataforma digital de webcomics e romances seriados, baseada em modelo freemium com micropagamentos. Voltada a gêneros como romance, fantasia e narrativas LGBTQIAPN+ (BL/GL), articula publicação independente, consumo comunitário e curadoria algorítmica, exemplificando tendências contemporâneas de monetização e circulação global de narrativas seriadas.

<sup>12</sup> *Webtoon* é uma plataforma digital sul-coreana globalizada especializada na distribuição e consumo de quadrinhos digitais formatados para rolagem vertical, conhecidos como webtoons. Originada como um serviço da empresa Naver Corporation, tornou-se um fenômeno global que redefine a produção, distribuição e consumo de histórias em quadrinhos na era móvel.



“Compra na Shopee e tenta achar algum anúncio que não tem sinopse, isso que eu fiz”.

Por fim, a constelação “troca e continuidade” nos mostra que, no BookTok, o ato de ler (e de compartilhar modos de acessar e desfrutar da leitura) está atrelado a uma dimensão coletiva com características específicas facilitadas pela interação digital. Os participantes, além de se comunicarem para enfrentar dificuldades práticas, como o receio da repressão parental, também reafirmam, por meio das interações, a existência e a mobilização de uma comunidade que resiste, se apoia e se expande na circulação de afetos, saberes, práticas e estratégias de manutenção da própria privacidade. É oportuno mencionar também que a continuidade dessas práticas demonstra menos uma lógica de resistência plena e mais um esforço constante de adaptação às condições impostas, em que o acesso à leitura e à expressão identitária se dá por meio de arranjos provisórios e situados.

Nesse contexto, as obras literárias LGBTQIAPN+ recomendadas e discutidas no BookTok se estabelecem como um elo entre a restrição e as possibilidades de viver uma vida mais habitável e “distante” dos controles domésticos por meio de compartilhamentos nessa plataforma digital. Essa dimensão colaborativa e agregadora do BookTok reforça o potencial das plataformas digitais como espaços privilegiados de sociabilidades e de construção de subjetividades em torno, nesse caso, das práticas de leitura coletiva e da afirmação e negociação de identidades.

### **Considerações finais**

Este estudo parte da compreensão de que os discursos são constitutivos das relações de poder, conforme teorizado por Foucault (2014). Ao analisar as produções de jovens no TikTok, observamos que a luta por visibilidade e reconhecimento, especialmente no nicho LGBTQIAPN+ do BookTok, é fundamentalmente política. Essas disputas materializam-se em práticas cotidianas de leitura, transformando o simples ato de recomendar um livro em um gesto de afirmação e resistência identitária.

No entanto, o poder não se exerce somente no âmbito da produção de discursos, mas também nos mecanismos de interdição. No contexto familiar analisado, isso se traduz no controle sobre a leitura, compreendida como um vetor de perigo para a normatividade de gênero e sexualidade. Os pais atuam como agentes censores, classificando livros como “adequados” ou “proibidos”, restringindo o acesso



a saberes considerados desviantes e delimitando os contornos do que pode ou não ser pensado no espaço doméstico.

É diante desse cenário de vigilância que os adolescentes encontram, no BookTok LGBTQIAPN+, uma comunidade capaz de oferecer modos situados de escapar e negociar esse controle. Por meio de estratégias de ocultamento e compartilhamento, constroem uma agência relacional que não rompe completamente com a moralidade vigente, mas cria frestas para habitar contextos repressivos. O livro se torna, assim, um objeto de disputa moral cujos efeitos extrapolam o ambiente digital e incidem sobre a “vida *offline*”, mobilizando medos, controles e vigilâncias concretas.

Esse movimento, contudo, ocorre em um ambiente marcado por uma contradição estrutural própria das plataformas digitais. Se, por um lado, elas oferecem espaços fecundos para identificação, pertencimento e circulação de afetos fora do controle familiar, por outro, capitalizam essas mesmas identidades e reproduzem, por meio de seus algoritmos, desigualdades e preconceitos estruturais. O fenômeno BookTok é emblemático dessa tensão, já que ao mesmo tempo em que reconfigura o mercado editorial, promove uma socialização ambivalente, na qual acolhimento comunitário e discursos de ódio coexistem e se confrontam.

Interrogamos, assim, os limites dessa agência no contexto da plataformização. As soluções engenhosas encontradas pelos jovens, como o uso de *e-readers* ou a compra de livros com sinopses mais discretas, embora eficazes no curto prazo, operam sobretudo em uma lógica de adaptação a um problema estrutural que não é resolvido, mas administrado individual ou comunitariamente. A mesma plataforma que acolhe essas trocas e viabiliza a circulação dessas “dicas de sobrevivência” literária é aquela que se beneficia do tráfego e do engajamento gerados por essa vulnerabilidade.

Um exemplo adicional dessa dinâmica pode ser observado no funcionamento dos “indexadores”, que operam nas *hashtags*, categorias navegáveis e ícones visuais que tanto o algoritmo quanto os usuários aprendem a reconhecer e acionar. A interação com *hashtags* relacionadas à sigla LGBTQIAPN+ faz com que aquilo que era uma experiência identitária vivida seja progressivamente convertido em um dado de comportamento quantificável e passível de reprodução contínua. A consequência perversa disso consiste no fato de que a plataforma não está interessada em proteger



esses jovens; está interessada em que eles continuem produzindo conteúdo sobre sua vulnerabilidade, pois isso mantém o ciclo de atenção funcionando.

O BookTok, nesse sentido, funciona como um espaço de respiro e de solução paliativa, mas não necessariamente de transformação das condições que tornam a discricção uma necessidade. A contradição estrutural se coloca, portanto, no fato de que a comunidade se fortalece ao compartilhar ferramentas para lidar com a repressão, enquanto a plataforma que a abriga lucra com a permanência desse ciclo de busca por acolhimento e de necessidade de estratégias de escape, sem jamais incidir sobre as causas profundas dessa demanda. A continuidade da comunidade, nesses termos, é também a continuidade de um mercado de atenção que se alimenta da precariedade.

Dessa forma, este trabalho tentou construir uma compreensão sociocomunicacional que se afasta de visões simplistas – sejam moralizantes ou celebratórias – da cultura digital. Ao focar nas práticas ordinárias dos jovens conectados, reconhece a complexidade de seus arranjos cotidianos, em que controle, resistência e produção de sentido se entrelaçam, delineando as formas possíveis de ser e de habitar o mundo contemporâneo.

---

## Referências

BOYD, D. **It's complicated**: the social lives of networked teens. New Haven: Yale University Press, 2014.

BOYD, D. Privacy and publicity in the context of big data. In: WORLD WIDE WEB CONFERENCE (WWW), 19., 2010, Raleigh. **Anais** [...]. Raleigh, NC: International World Wide Web Conferences Steering Committee, 2010. Disponível em:

<https://www.danah.org/papers/talks/2010/WWW2010.html>. Acesso em: 2 jul. 2025.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 226 p.

COLLADO, J. R.; CARRATALÁ, F. A. M.; MIRAS, S. Booktok: análisis de las estrategias discursivas multimodales para la promoción de la lectura en TikTok. **Texto Livre**, v. 17, p. e51641, 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tl/a/9MyX6Wmk8rjKmKJjSWp4sc/?format=html&lang=es>. Acesso em: 25 nov. 2024.

COULDRY, N.; HEPP, A. **Conceptualizing mediatization**: contexts, traditions, arguments. *Communication Theory*, v. 23, n. 3, p. 191-202, 2013.



DELGADO, C. BookTok: um movimento que continua chamando atenção. **Showmetech**, 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.showmetech.com.br/booktok-um-movimento-que-continua-chamando-atencao/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

EDDINE, E. A. C. et al. As mídias alternativas ChanacomChana e Lampião da Esquina: uma trajetória de resistência, identidade e visibilidade. **Society and Development**, v. 10, n. 3, p. e18010313233-e18010313233, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13233>. Acesso em: 25 maio 2025.

FACIOLI, L. R.; PRADO, J. Usando bem, que problema tem? Pânicos morais, mídias digitais e juventude no Brasil. **Interfaces da Educação**, v. 9, n. 25, p. 158-183, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/2240>. Acesso em: 9 jun. 2025.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREITAS, R. Livros que bombaram no TikTok conquistam leitores durante a Bienal de São Paulo. **Pequenas Empresas & Grandes Negócios**, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Mundo-digital/noticia/2022/07/livros-que-bombaram-no-tiktok-conquistam-leitores-durante-bienal-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 5 mar. 2025.

FÜHR, N. G.; RAUBER, L. H.; BARTH, M. A influência do TikTok no mercado editorial: uma análise do BookTok. **Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti**, [S. l.], v. 13, n. 23, p. 139–165, 2023. DOI: 10.18815/sh.2023v13n23.635. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/635>. Acesso em: 23 ago. 2025.

GOMES, A. V.; ANGELUCI, A. C. B. Influência do BookTok no comportamento do consumidor: seu impacto no mercado editorial. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 30., 2024, Recife. **Anais [...]**. Recife, PE, 2024. p. 1-16. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2024/article/view/3190>. Acesso em: 8 out. 2025.

GONZATTI, C. **Bicha, a senhora é performática mesmo**: sentidos queer nas redes digitais do jornalismo pop. 2017. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6902>. Acesso em: 14 mar. 2025.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

HINE, C. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. Tradução de C. Parreiras; B. A. Lins. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, v. 29, n. 2, e181370, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>. Acesso em: 8 set. 2025.

JUNQUEIRA, R. D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 18, n. 43, p. 449-502, dez. 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 jun. 2025.



- KARHAWI, I.; SZABÓ IOSSI, S. S.; MONTUORI FERNANDES, C. BookTok: o papel dos criadores de conteúdo do TikTok no estímulo à leitura no Brasil. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 163–190, 2024. DOI: 10.29146/eco-ps.v27i2.28273. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/28273](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28273). Acesso em: 18 jul. 2025.
- LE BRETON, D. Adolescência e comunicação. In: LIMA, N. L. de; STENGEL, M.; NOBRE, M. R.; DIAS, V. C. (orgs.). **Juventude e cultura digital**: diálogos interdisciplinares. 1. ed. São Paulo: Artesã Editora, 2017. p. 15-32.
- LORDE, A. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 176 p.
- MACHADO, S. TikTok: como rede social está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers. **BBC News Brasil**, 16 jan. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5m3pdo>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- MALTA, R. B.; FLEXOR, C. L. O.; COSTA, A. A. N. Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 61, p. e6110, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-40182020000300309&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182020000300309&tlng=pt). Acesso em: 6 dez. 2023.
- MARTINO, L. M. S. **Teorias das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MILLER, D.; HORST, H. A. Six principles for a digital anthropology. In: **Digital anthropology**. Routledge, 2021. p. 21-43.
- QUIROZ, N. T. TikTok. **Revista Argentina de Estudios de Juventud**, n. 14, p. e044, 7 ago. 2020. Disponível em: [https://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/109976/Documento\\_completo.%2014.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/109976/Documento_completo.%2014.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 16 jul. 2024.
- SANTOS, L. C. dos. **TikTok e livros**: uma análise sobre a influência dos BookTokers no consumo de livros no Brasil. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/19677>. Acesso em: 25 jul. 2024.
- SCHNAIDER, A. BookTok: tendência no TikTok incentiva leitura e fortalece editoras. **Meio & Mensagem**, São Paulo, 13 jun. 2024. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/booktok-tendencia-no-tiktok-incentiva-leitura-e-fortalece-editoras>. Acesso em: 26 maio 2025.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.